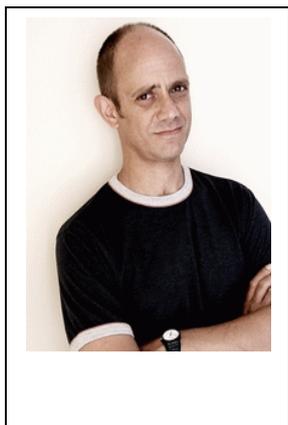
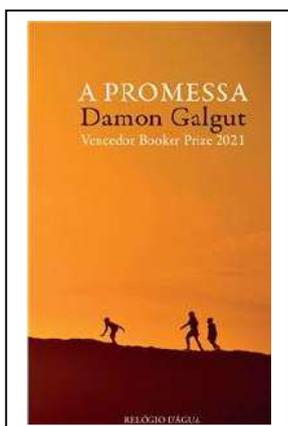


[A Promessa] [Damon Galgut]



[Damon Galgut]

Biografia: Damon Galgut (Pretória, 12 de novembro de 1963) é um escritor da África do Sul. Nascido numa família de advogados, começou a escrever enquanto convalescia em hospitais com cancro aos seis anos. Estudou arte dramática na Universidade de Cidade do Cabo e estreou-se com *A Sinless Season* aos 17 anos. Sua obra mais bem-sucedida é *The Good Doctor*, 2003. Entre as suas obras contam-se os títulos *Small Circle of Beings*, *The Beautiful Screaming of Pigs*, *The Quarry*, *The Good Doctor*, *O Impostor* e *Um Quarto Desconhecido*. *The Good Doctor* foi nomeado para o Man Booker Prize, o Commonwealth Writers' Prize e o Dublin/IMPAC Award, *O Impostor* foi também nomeado para o Commonwealth Writers' Prize e *Um Quarto Desconhecido* recebeu uma nomeação para o Man Booker Prize. Damon Galgut vive na Cidade do Cabo. É abertamente homossexual.

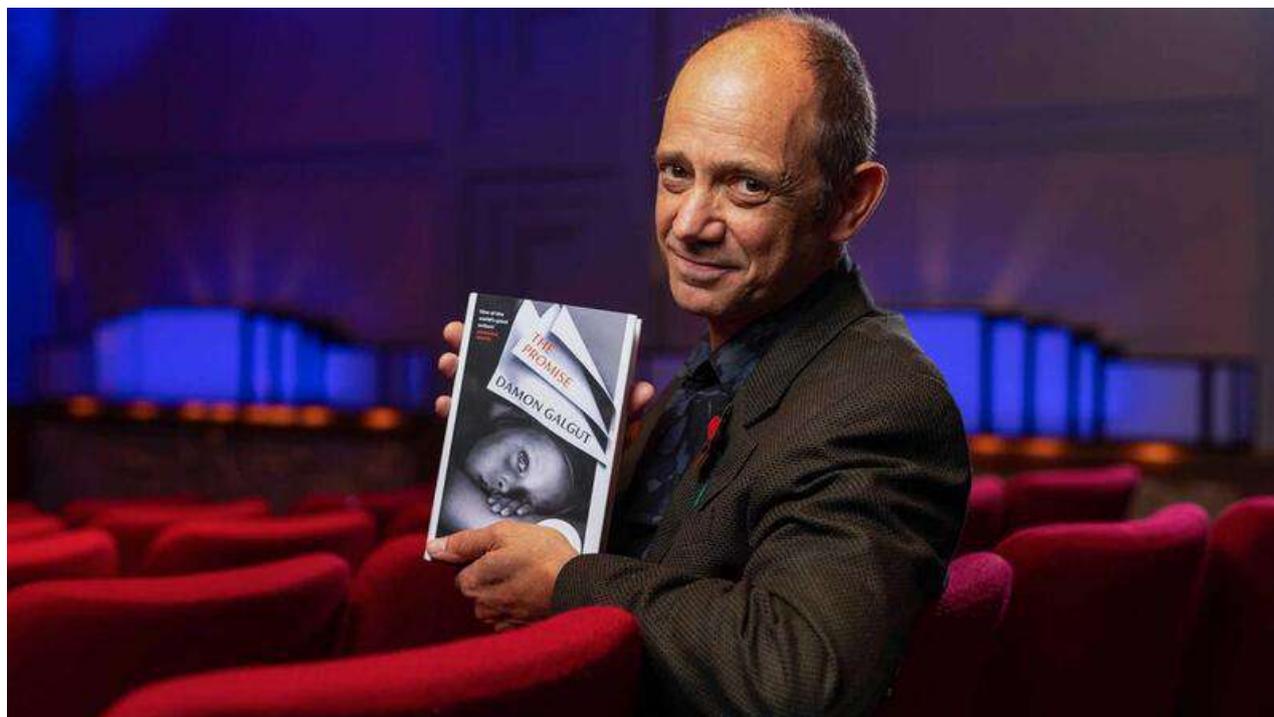


Sinopse de [A Promessa]:

Obcecados, perseguidos e assombrados por uma promessa não cumprida, os membros da família Swart dispersam-se depois da morte da matriarca. Impelidos pelas circunstâncias, as vidas dos três irmãos movem-se cada uma para seu lado através da África do Sul; Anton, um brilhante rapaz que vê amargamente o seu futuro ameaçado; Astrid, cujo poder reside numa beleza sempre em queda; e a mais nova, Amor, cuja vida é marcada por sentimentos de culpa e abnegação. Reunida em quatro funerais ao longo de três décadas, esta família, que vai diminuindo com o tempo, reflecte a atmosfera do seu país, feita de ressentimento, renovação e, finalmente, de esperança. *A Promessa* é um drama épico, que desfralda bandeiras contra a impiedade da história sul-africana.

Escritor sul-africano Damon Galgut vence prémio Booker pelo romance "The Promise"

Esta foi a terceira nomeação de Galgut para o prémio, que venceu com o seu nono romance.



© David Parry/EPA/PA Wire

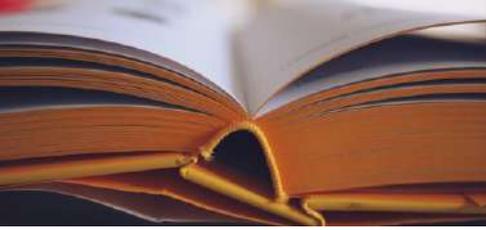
PorLusa 03 Novembro, 2021 • 22:45

O escritor sul-africano [Damon Galgut](#) é o vencedor do Prémio Booker de ficção em língua [inglesa](#), pelo romance "[The Promise](#)", anunciou esta quarta-feira o júri, em [Londres](#).

Nomeado pela terceira vez para o prémio, [Galgut](#) conquistou-o com uma história do seu país, que decorre no final do 'apartheid', na qual explora as relações entre os membros de uma família branca em decadência, através da sequência de quatro funerais.

"The Promise" é o nono romance de Galgut e o primeiro em sete anos. O autor, que vive na [Cidade do Cabo](#), foi previamente selecionado para o Booker em 2003, com "[The Good Doctor](#)" e, em 2010, com "[In a Strange Room](#)". O seu romance de 2005 "[The Quarry](#)" foi adaptado ao cinema.

A presidente do júri, a historiadora e académica [Maya Jasanoff](#), disse que "The Promise" surpreendeu desde o início do processo de escolha, por ser "um relato penetrante e incrivelmente bem construído de uma família sul-africana branca entre o final do 'apartheid' e o período que se lhe seguiu. A cada leitura, sentimos que o livro cresce [em dimensão]. Com economia narrativa, oferece perspetivas comoventes sobre os conflitos geracionais, reflete sobre a vida em pleno e sobre a



morte", e não deixa em branco todas as implicações do passado na atual [África do Sul](#), traduzidas na metáfora patente no título, "The Promise" ("A Promessa").

O júri compara a abordagem de Galgut à vida familiar com o estilo de narrativa do escritor norte-americano [William Faulkner](#), Nobel da Literatura em 1949. Para a dimensão interna das personagens e sua caracterização, estabelece paralelo com a escritora [britânica Virginia Woolf](#).

Damon Galgut faz tudo isto "com uma sensibilidade, arte e alcance que são inteiramente seus", prossegue o júri, reconhecendo na obra "uma demonstração espectacular de como o romance pode fazer ver e pensar de novo". Por isso, para o júri, "'The Promise' cumpre".

"Este é um livro sobre legados, aqueles que herdamos e aqueles que deixamos e, ao atribuir-lhe o Prémio Booker deste ano, esperamos que ressoe nos leitores, ao longo das décadas por vir".

Além de Maya Jasanoff, o júri da edição deste ano foi constituído pela editora [Horatia Harrod](#), pela atriz [Natascha McElhone](#), pelo professor e escritor [Chigozie Obioma](#), também já selecionado para o Booker em anteriores edições, e pelo antigo arcebispo da Cantuária Rowan Willians.

Damon Galgut, como vencedor do Booker Prize, recebe 50.000 libras (perto de 59 mil euros).

Nascido em Pretória, em 1963, Galgut escreveu o primeiro romance aos 17 anos, "[A Sinless Season](#)". Entre as suas obras contam-se títulos como "[Small Circle of Beings](#)" e "[The Beautiful Screaming of Pigs](#)".

Em [Portugal](#), estão publicados, com a chancela da Jacarandá, "[Verão Ártico](#)", "[O Impostor](#)" e "[Um Quarto Desconhecido](#)".

A norte-americana [Patricia Lockwood](#), com a sua estreia em ficção, "[No One is Talking About This](#)", o autor [Anuk Arudpragasam](#), do [Sri Lanka](#), com "[A Passage North](#)", a britânica de origem [somali Nadifa Mohamed](#), com o romance "[The Fortune Men](#)", o norte-americano [Richard Powers](#), com "[Bewilderment](#)", e a sua compatriota [Maggie Shipstead](#), com "[Great Circle](#)", eram os restantes finalistas do Booker Prize de ficção 2021.

Nenhum dos livros finalistas está publicado em Portugal, embora Powers e Shipstead estejam editados com outros títulos, à semelhança de Galgut.

[Richard Powers](#) é o autor de "[Generosidade](#)" e "[O Eco da Memória](#)", dois títulos publicados pela Bertrand, que também editou "[Deslumbra-me](#)", de Maggie Shipstead.

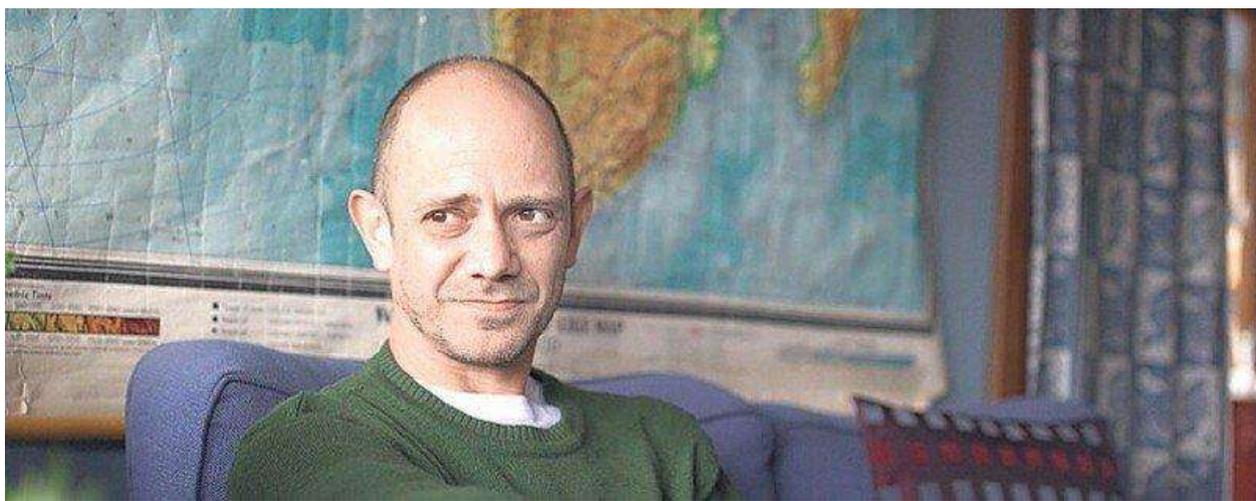
DER TAGESSPIEGEL

"A Promessa" de Damon Galgut

Quatro no círculo da morte

Constrangimentos da África do Sul: o brilhante romance familiar de Damon Galgut, *The Promise*, que ganhou o Booker Prize do ano passado.

GERRIT BARTELS



Escritor sul-africano Damon Galgut, 56 FOTO: MICHAELA VERITY/LUCHTERHAND VERLAG

Ao ler este grande romance de Damon Galgut, você logo suspeita que Anton também não terminará bem, que morrerá. "A Promessa", romance com o qual o autor sul-africano [ganhou o Booker Prize no ano passado, tem quatro capítulos principais.](#)

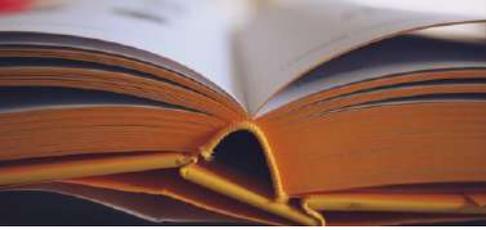
Cada um deles é dedicado a uma pessoa morta: primeiro Ma, depois Pa, depois sua filha Astrid, sim, e finalmente Anton, o único filho, mesmo que, como Astrid, ele ainda esteja vivo no início do capítulo.

Há outra criança dessa família branca sul-africana morando em uma espaçosa fazenda perto de Pretória: esta é Amor, a filha mais nova, ela tem 13 anos no início do romance. Amor sobrevive a todos, provavelmente por isso não tem capítulo próprio.

Amor encontra nos legados do irmão um romance em que trabalhava constantemente sem terminá-lo. "Uma saga familiar ou um romance familiar?" é uma nota lateral em seu roteiro, que trata principalmente da vida e da família de Anton.

A política é um marco sutil aqui.

"A Promessa" também é um clássico romance familiar. *(Do inglês por Thomas Mohr. Luchterhand Literaturverlag, Munique 2021.366 páginas, € 24.)*



Damon Galgut conta isso no contexto da história sul-africana nos últimos trinta ou quarenta anos. Começa com a morte de Rachel Swart, que morreu de câncer aos 40 anos, pouco antes do fim do apartheid em 1986.

Então continua, capítulo por capítulo, por uma década: em 1995, Pa, Herman Albertus Swart, conhecido como Manie, morreu um bom ano após as primeiras eleições democráticas na África do Sul na primavera de 1994. Nove anos depois, Astrid, a filha mais velha, morta após um ato de violência ser morto, Nelson Mandela é o pai do país, literalmente: "Agora seu rosto está em toda parte, avuncular, gentil, rigoroso, mas perdoador, ou sorrindo para todos nós como Papai Noel, como agora."

E termina com a égide de Jacob Zuma, presidente da África do Sul de 2009 a 2018. A viúva de Anton, Desirée, o vê na televisão quando ele se demite: "Uma breve declaração, depois ele sai do palco. Cheerio, hasta la vista e adeus! Depois de anos nos mantendo reféns, ele se separa e tira o chapéu. Ao vivo, agora mesmo! Simplesmente assim! Oh Deus, você pode acreditar!"

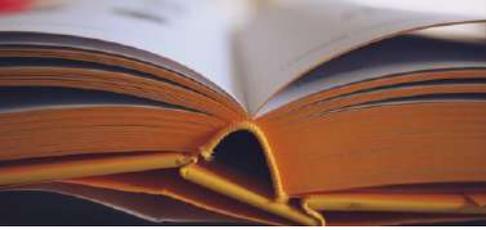
Damon Galgut nasceu em Pretória em 1965.

De fato, a política sempre ressoa aqui, nas margens, como um ruído de fundo, como um sutil marcador de ritmo para os morenos, que estão muito ocupados consigo mesmos e suas múltiplas rupturas. A promessa homônima também tem seu conteúdo político, especialmente na época em que foi feita, assim como nas décadas seguintes: Os Swarts têm, de acordo com seu status, especialmente durante o apartheid, uma governanta negra, Salomé. Ela mora com o filho em uma casa na fazenda.

A casa basicamente muito dilapidada agora deve ser substituída pela lei, a moribunda Rachel Swart recebe essa promessa de seu marido. Amor, de 13 anos, testemunhou uma breve conversa de seus pais. No entanto, a mania não tem intenção de se ater a ela, e assim a promessa vagueia pelo romance como um leitmotiv, sem ser o foco dos quatro grandes capítulos.

A gente se pergunta quem é o centro do romance - e acaba com Amor, o único sobrevivente da família que desenvolve uma relação próxima com Salomé. Cupido é um sobrevivente desde tenra idade. Ela foi atingida por um raio quando tinha seis anos de idade.

Por um lado, isso faz dela algo especial, uma espécie de vidente, uma pessoa que está quase flutuando no romance de Galgut, mas que, no entanto, é muito independente. Por outro lado, o relâmpago a acompanha constantemente, "muito perto e sempre ao alcance, como a cicatriz no pé ou o dedo mindinho ausente, que agora começa a latejar".



A desgraça de Cupido lembra a experiência que Damon Galgut teve quando era jovem. Nascido em Pretória em 1965, contraiu câncer aos seis anos e passou grande parte de sua infância e adolescência em hospitais.

Damon Galgut começou a escrever cedo e rapidamente se tornou um autor reconhecido na África do Sul. Em 2003, seu primeiro romance foi publicado em tradução alemã, "The Good Doctor", e outros se seguiram sem que o escritor sul-africano se tornasse conhecido por um público maior neste país.

Isso iria [mudar significativamente com este romance](#). Porque imediatamente há uma familiaridade com essa família basicamente burguesa. Há algo de universal nos problemas dos Swarts, não nos sentimos tão remotamente lembrados das "Correções" e "[Encruzilhadas](#)" de Jonathan Franzen. Os swarts também refletem as dificuldades, a turbulência interna da África do Sul contemporânea com sua história complexa.

O que aumenta a familiaridade com eles é a leveza, talvez também: a indiferença do estilo da prosa de Galgut. O narrador às vezes engraçado, casual, às vezes irônico está profundamente na mente de seus personagens, às vezes está em termos de primeiro nome com eles, dirige-se a eles diretamente.

O estilo de prosa de Galgut é especial.

Ou ele deixa que eles falem sozinhos: "Eu já te disse antes, sim, você disse, então finalmente cale a boca". Então ele se volta para os leitores, muda do ego para o nós superpessoal, ou deixa uma voz soar brevemente do além.

O mais impressionante são os saltos de um personagem para outro, muitas vezes surpreendentes e abruptos: assim que você entende que Cupido está fazendo uma oferta à esposa de Anton, Desirée, em relação à propriedade da família, outra pessoa fala com Cupido e os pede de acordo com os benefícios para eles. É o advogado da família.

Isso às vezes confunde, mas nunca incomoda, precisamente porque Damon Galgut aproxima seus personagens com tanta confiança, sejam eles personagens secundários como um sem-teto, o treinador de meditação de Desirée ou um agente funerário. Se há algo a criticar neste romance, é a previsibilidade estrutural, e não apenas em termos das mortes (embora muito diferentes) dos supostos personagens principais.

A família muitas vezes se encontra em funerais

Cada morte é seguida por um funeral, cada funeral é seguido por um serviço fúnebre, e cada serviço fúnebre ocorre sob diferentes aspectos religiosos: Rachel é judia, ela havia retornado à sua fé original anos antes de sua morte.

Seu marido é levado para a clandestinidade por um "pastor" ganancioso que acaba "ocupando um canto da fazenda com seu projeto espiritual/capitalista". Astrid recebe um funeral católico, e as coisas acabam sendo bastante informais para Anton, especialmente porque ele é o único a ser cremado.

A obra de Deus e a contribuição do diabo: Escusado será dizer que as respectivas religiões contribuem com sua parte para a queda da família.

O que também se repete capítulo por capítulo: a leitura do testamento, os encontros para ocasiões familiares. E, claro, a chegada de Cupido do exílio da família em Durban, onde ela tenta enfrentar todo o sofrimento do mundo como enfermeira.

A força e o fardo da história

E não é só isso: nas poucas visitas à casa dos pais, Amor sempre aproveita para lembrá-la da promessa, principalmente do irmão Anton. Ele assumiu a fazenda e, como seu pai, não pensa em cumprir a ordem de sua falecida mãe.

Escusado será dizer que no final, após a morte de Anton, Amor aproveita a oportunidade e faz tudo o que é necessário, não sem fazer grandes sacrifícios nesta questão de herança.

Mas de que adianta uma promessa mantida até tarde, a escritura de uma casa, quando as décadas se passaram e Salomé já pensou sobre o resto de sua vida? Além disso, pessoas que foram despejadas à força de lá há muito tempo estão reivindicando o terreno em que a casa fica.



A história da África do Sul, volta a bater aqui com força total. O fim do apartheid também foi uma promessa que foi cumprida apenas parcialmente. Nunca houve verdadeira justiça neste planeta, e especialmente aqui no sul do continente africano.

Gerrit Bartels

Com seu impacto devastador, *The Promise* é um digno vencedor do Booker Prize

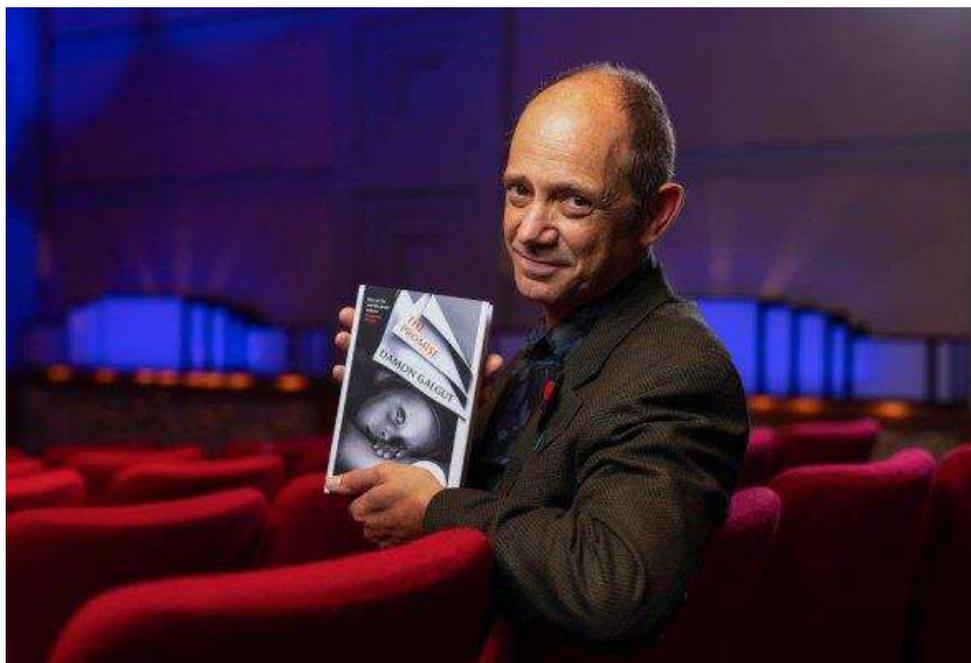
Por Helen Elliot / *The Sydney Morning Herald*

14 de janeiro de 2022 - 16h

The Promise, Damon Galgut, Chatto & Windus

Amor. Antônio. Astrid. Os filhos de Rachel e Manie Swarts de Pretória, África do Sul. africanos. Rachel era Rachel Cohen, grávida quando se casou. Mal saindo da adolescência, ela deixou de lado sua religião quando deixou de lado seu nome. Mas agora, aos 41 anos, Rachel está morrendo e, voltando-se novamente para sua religião, pede um enterro tradicional judaico.

Manie, perturbada, culpada (ele não foi um marido excepcional) e não judia, promete isso a ela. Ele também faz outra promessa; que uma casa e um pedaço de terra em sua propriedade serão entregues à governanta de Rachel, Salome. Salomé que, segundo o avô de Amor, "veio com a terra".



Damon Galgut e seu romance vencedor do Booker, *The Promise*. CRÉDITO: PA

Amor, que em 1986 tem apenas 13 anos, ouve sua mãe extraíndo a promessa de seu pai e não tem dúvidas de que seu pai a honrará. "Um cristão nunca volta atrás em sua palavra", ela diz quando conta ao filho de Salome, Lukas, no dia do funeral de sua mãe. Lukas tem a mesma idade que ela, mas a conversa de Amor o confunde. "Sempre foi a casa dele. Ele nasceu lá, ele dorme lá, do que a garota branca está falando?"

O romance depende dessa questão. Do que Amor está falando quando, nas próximas três décadas, enquanto a África do Sul caminha para a mudança, ela traz à tona a promessa de seu pai em três momentos críticos da história da família. Isso poderia ser saga, porque *The Promise* é um conto geracional, envolvendo herança, terra e influências históricas implacáveis.

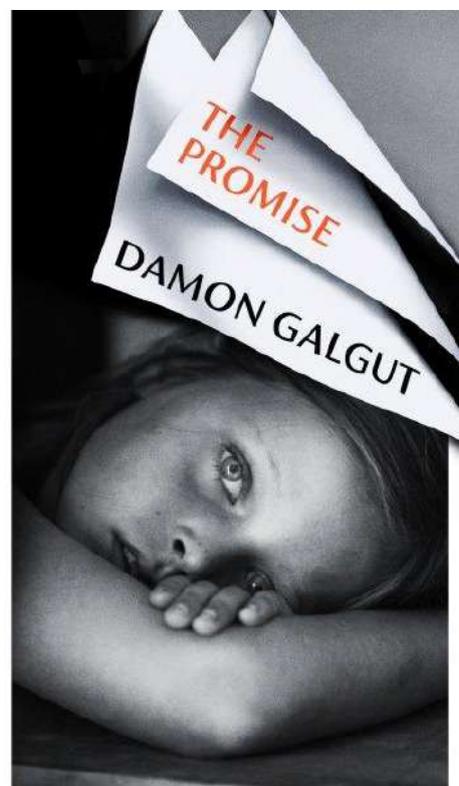
Mas a saga é diretiva demais para a sutileza e o rigor do romance de Damon Galgut, no qual cada palavra é matizada, cada ato pesado. Ele se desdobra em quatro atos, um drama encenado e o brincalhão deus/autor/dramaturgo/Galgut – quem sabe? – constantemente se abaixa, direcionando, corrigindo ou questionando a si mesmo, depois vaporizando.

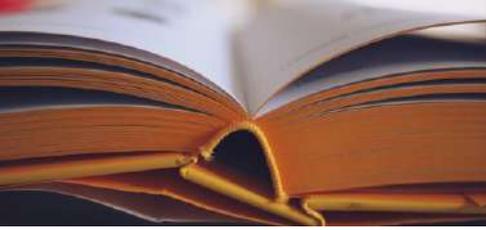
É uma dinâmica emocionante. Às vezes ele muda de ideia em movimento sobre um de seus personagens, mas dá de ombros e continua. É preciso destreza intelectual para mover dentro de um parágrafo da cabeça de um personagem para outro. Essa voz controladora e paradoxalmente alegre é um alívio para a tensão e o horror do inevitável. É também uma provocação filosófica: como podemos começar a pensar sem aceitar a contradição?

O horror é um gótico sul-africano familiar, mas especializado: a casa sempre feia, a fazenda repleta de pedaços de outras casas, igrejas, galpões, os postes, a colina branqueada, o koppie, subindo nos fundos da casa, as estrelas, o espaço, a beleza natural de fundo iluminando a moral decadente do lugar. É curioso como a conhecemos tão bem. De Coetzee? Gordimer? Schreiner?

Esse cenário de irresponsabilidade por um lado e fúria inculta por outro reflete a caça de Galgut pelo malware espiritual e moral introduzido no DNA dos Swarts todas aquelas gerações atrás. Faulkner prendeu a mesma infecção em *The Sound and the Fury* e, sem surpresa, aquela voz sulista, seca e urgente, é um eco constante em *The Promise*.

Ma, Pa, Astrid, Anton, são calibrados por quatro funerais. Rachel mal está lá, Mani é seu legado empobrecido, Astrid é irredimível e, portanto, terminal e Anton, bem, Anton é carismático, incrivelmente inteligente, um homem que “quer comer o mundo. Mas uma pequena acidez no fundo de sua garganta parece sempre ter estado lá, embora sua vida seja pura e suave como





leite.” Anton tem potencial, mas também está enfraquecido pelo passado, sua família, ele mesmo. E ele cometeu um assassinato.

No entanto, Amor permanece, transformando-se ano após ano de criança em puro espírito, agindo modestamente para restabelecer a virtude humana central e vividamente ausente, a bondade, em todos os aspectos de sua vida diária. Cada funeral é uma ocasião para ela lembrar a família sobre a promessa. Amor é a única sobrevivente, talvez porque tenha sido a única a deixar a fazenda e o legado malévolos.

Amor estava marcado. Às oito, sentada perto de uma árvore no koppie atrás da casa, ela foi atingida por um raio. Ela deveria ter morrido. As solas dos pés estão queimadas, ela perdeu um dedo do pé e o mundo, por aqueles minutos, era de um branco deslumbrante. Ela é uma alegoria santa, uma menina ardente, purificada e carregada, como Cordélia, morro abaixo nos braços de seu pai que, naquele momento, trocaria sua vida pela dela.

O nome dela, é claro, em afrikans, significa amor. Swarts, é claro, significa preto. *A Promessa* é uma devastação, uma provocação persistente. Ganhou o Prêmio Booker. Justamente.

'Como se abre mão do privilégio?': Damon Galgut sobre o seu romance vencedor do Booker

Em *The Promise*, Galgut narra o declínio da África do Sul pós-apartheid através de quatro funerais ao longo de 40 anos



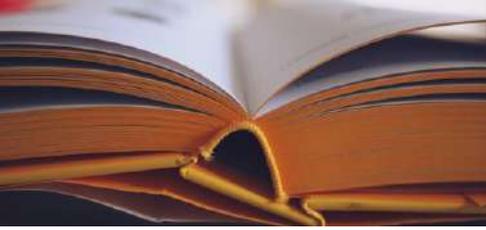
Damon Galgut no Booker Prize Awards 2021 em Londres. Fotografia: David Parry/PA Wire

[Lisa Allardice](#)

Sex, 5 de novembro de 2021 | The Guardian

"EU estou acostumado a não ganhar – é para isso que estou programado e preparado", diz o romancista sul-africano de fala mansa Damon Galgut, na manhã seguinte ao prêmio Booker por seu nono romance, *A promessa*. Ele foi selecionado duas vezes antes: em 2003 por *The Good Doctor*, e em 2010 por [In a Strange Room](#). Ele acha a coisa toda "profundamente inquietante" (sua mãe deu seus detalhes de contato para jornalistas na África do Sul). A cerimônia de ontem à noite parecia totalmente irreal, ele diz, "como se eu tivesse levado uma pancada na cabeça. Obviamente foi uma ótima noite para o livro, então é difícil ficar descontente com isso."

Leve pessoalmente (ele é um iogue comprometido), o autor de 57 anos é sério e cortês na conversa, mas a voz sardônica do narrador travesso e metamorfo do romance claramente pertence a ele. Escrito num estilo inovador, *The Promise* conta a história de uma família branca sul-africana através do



dispositivo de quatro funerais ao longo de 40 anos, narrando o declínio da África do Sul pós-apartheid. Pode ser mais JM Coetzee do que Richard Curtis, mas Quatro Funerais de Galgut é surpreendentemente engraçado. (A família é chamada de Swarts, que significa “negro” em africâner, “uma espécie de piada interna”, como ele diz). Com exceção de uma recente [“espancada”](#) na London Review of Books, o romance foi recebido com entusiasmo. “Um número surpreendente de romancistas é muito bom; poucos são extraordinários”, [começou um crítico](#), apenas aquecendo.

A ideia de contar a história por meio de uma série de funerais lhe ocorreu depois de um almoço embriagado em que um amigo o “entretive” com anedotas sobre uma sucessão de funerais familiares: “Ângulos oblíquos me atraem”. O conflito da “promessa” sobre a qual repousa o romance – o desejo moribundo da mãe de que sua serva negra, Salomé, recebesse os direitos sobre a casinha dilapidada em que vive há anos na fazenda da família – também foi inspirado por um amigo cuja família, como os Swarts fictícios, “no tradicional estilo branco sul-africano”, encontrou maneiras de não cumprir uma promessa semelhante.

A ideia de promessas não cumpridas percorre todo o romance, que começa em 1986 e termina em 2018. Quatro funerais, com cerca de quatro décadas de diferença, na história recente da África do Sul também significam quatro presidentes. “Como todo mundo, fiquei incrivelmente empolgado com o movimento dos dias sombrios de PW Botha até a empolgação da era dourada de Mandela, embora sempre houvesse algo um pouco irreal nisso”, diz ele. “Depois, para o terreno muito mais ambíguo do tempo de Mbeki e para a catástrofe do reinado de Zuma.”

Ele não se propôs a fazer qualquer tipo de declaração política, pretendendo que o clima nacional funcionasse como “uma espécie de papel de parede de fundo”, levando em consideração a Copa do Mundo de Rugby de 1995, HIV, aumento de crimes violentos e o impacto das mudanças climáticas. Mas não há como negar a trajetória descendente do romance. “A sensação de promessa que tínhamos em 1994 era palpável. E essa promessa praticamente se dissipou”, diz ele. “Não estamos em um ótimo lugar agora.”

Quase todos os personagens não cumprem sua promessa, em particular Anton, um escritor que, como o autor, cresceu em Pretória na mesma época. “O Apartheid foi criado para servir a alguém como Anton”, diz Galgut. “Sem nenhum esforço, ele poderia ter entrado no lugar do privilégio e do poder. Acho que essa promessa provavelmente se desvaneceu para os homens brancos na África do Sul, o que não é uma coisa terrível.”

Sua irmã de outro mundo, Amor, está determinada a garantir que o legado de sua mãe seja honrado. O desacordo deles reflete a situação enfrentada

pelos sul-africanos brancos: “A solução dela é renunciar à herança, o que acho que é um caminho, mas isso é uma solução para a África do Sul?” ele pergunta. “Como você abre mão do seu privilégio? Não há como você entregar, como em um vestiário. Irmão e irmã representam os dois lados de sua própria psique conflitante, dividida entre “ser egoísta e não avesso às armadilhas do poder e impulsos mais santos de renunciar a ele”.

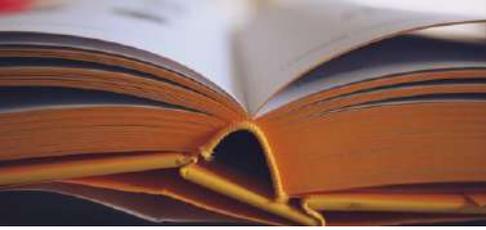
Apesar de ser assombrado pela morte, decadência e decepção, o romance foi “muito divertido” de escrever. Enquanto os espíritos de Joyce, Woolf e Faulkner se agigantam, o mesmo acontece com Fellini, que fornece a epígrafe do livro. Frustrado durante os rascunhos anteriores, Galgut fez uma pausa para escrever um roteiro de filme, uma dica que ele recomendaria para qualquer pessoa que sofresse de bloqueio de escritor. “A linguagem é o elemento menos importante no filme”, diz ele. “Ninguém se importa, o que é estranhamente útil, porque você tem que levar a linguagem muito a sério se você é um romancista.” Em vez disso, ele descobriu “o olho de alcance livre da câmera que pode ir a qualquer lugar dentro de uma cena”.

O único lugar que não entramos é na mente de Salomé, “invisível” para os que a cercam. Este silêncio é deliberado. “Alguém como Salome ainda não tem voz na África do Sul moderna”, diz ele. “E isso, de muitas maneiras, está no centro dos problemas da África do Sul agora.”

Em sua [resenha na New Yorker](#), James Wood argumentou que *The Promise* é mais pessimista do que Coetzee's *Disgrace*, que ganhou o prêmio Booker em 1999 e leva uma surra como [um retrato sombrio](#) da África do Sul pós-apartheid. Sem querer se envolver em qualquer “competição de pessimismo”, é verdade que Galgut não se lembra de ter se sentido tão desesperado com o futuro. [A corrupção](#) do governo durante a pandemia levou a nação “ao limite em algum terreno desconhecido”, acredita ele. “Estamos acostumados com a ideia de políticos roubando, mas políticos roubando em uma situação como essa pareciam absolutamente falidos moralmente e acho que isso deixou o país financeiramente falido.”

O mais velho de quatro filhos, Galgut e sua família levavam “uma existência suburbana comum” em Pretória, que ele descreve como uma “espécie de centro nervoso de toda a máquina do apartheid – não é um ótimo lugar para crescer”. Mas quando ele tinha seis anos, ele quase morreu de um tipo de linfoma que geralmente afeta crianças negras, o que significa que não foi diagnosticado até que ele estivesse em estado de coma.

Sua recuperação o transformou em uma espécie de “milagre médico, sempre sendo levado para conferências médicas e assim por diante”, o que ele culpa por sua ansiedade em espaços públicos. “Eu me senti um pouco assim ontem à noite no palco, como se eu fosse um espécime médico novamente”, ele



confessa. Mas ele credita os longos meses de leitura – “não havia telefones ou vídeos” – durante sua convalescença por torná-lo um escritor. “Desenvolvi um amor apaixonado por histórias e, a partir daí, foi apenas um pequeno passo para querer criá-las eu mesmo.” No ensino médio, ele havia escrito dois “romances *terrivelmente* ruins”, que se tornaram seu primeiro romance *A Sinless Season*, publicado quando ele tinha apenas 17 anos. “Isso meio que me envergonha agora”.

Hoje Galgut vive sozinho na Cidade do Cabo, uma “vida tranquila” que ele gosta e espera que continue praticamente inalterada. “Acho que, de alguma forma, pensamos que nossa vida tem alguma promessa que pode ou não se cumprir. Geralmente não”, ele reflete sobre seus personagens. Ganhando o Booker, 40 anos após a publicação de seu primeiro romance, e em sua terceira indicação, o autor certamente cumpriu sua promessa.